

O LUGAR DO DESENHO NO SÉCULO XXI: DIMENSÕES E CONCEITO

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte¹

Abstract - *The following work proposes an approach to drawing based upon a language which is diluted and also introduced in the hybridization perceived in the 21st Century. Based on a shift of languages in visual arts which refers to appropriations and to the expansion of possibilities for the procedure and the physicality of the artistic work, it looks into the place of drawing, its dimensions and concepts. While it is an expressive vehicle, the drawing constitutes an indispensable element for the development of expression forms, transformed and diversified over centuries. In the 21st Century, its plurality presents it in several dimensions. When it is expanded in the space, it not only makes sure that it not bi dimensional, as well as it is asserted in its essence, besides coded methods. The text is structured around theoretical and practical researches based on Ostrower, Derdyk, Canclini and author/artist.*

Index Terms: *drawing - hybridity- contemporary art - space - visual arts*

Resumo - *O presente trabalho propõe uma abordagem sobre o desenho como linguagem diluída e inserida no hibridismo presente no século XXI. Com base em um deslocamento das linguagens nas artes visuais que remete a apropriações e à expansão de possibilidades para o procedimento e a fisicalidade da obra artística, investiga-se o lugar do desenho, suas dimensões e conceito. Enquanto veículo expressivo, o desenho constitui elemento imprescindível para o desenvolvimento de formas de expressão, transformadas e diversificadas no decorrer dos séculos. No século XXI, sua pluralidade o apresenta em dimensões diversas e ao ser expandido no espaço. Não somente deixa a bidimensionalidade, como também é reafirmado em sua essência, além de métodos codificados. O texto é estruturado a partir de pesquisas teórica-práticas com base em Fayga Ostrower, Edith Derdyk, Néstor Canclini e obras da autora/artista.*

Palavras-chave: *desenho - hibridismo – arte contemporânea – espacialidade – artes visuais*

INTRODUÇÃO

Entender o desenho é muito mais do que observar linhas sobre um plano bidimensional. Voltar-se para o século XXI e procurar o desenho na arte contemporânea contrasta de maneira surpreendente com as expectativas que um olhar mais conservador espera. Existe uma complexidade que o arrasta para dimensões maiores, possibilidades multimidiáticas agregadas ao tempo presente.

A história viu o desenho, dentro das artes, servir como meio para o ensino, a religião, o poder, a ciência, a política, a própria arte. Foi identificado como técnica, suportes, em estudos, registros, modos de visualização e desdobramentos de função.

Ao se falar de desenho além do campo bidimensional, busca-se referir ao momento da história da arte em que a obra deixa de ser representada para ser apresentada, o objeto artístico passa a ser substituído pelo conceito e o ato criativo, associado à manipulação do real. Em um período em que se questionava a morte da arte, o olhar do espectador necessitou se adaptar ao encontro com essa realidade, apto a mudanças que foram além de manipulações ou técnicas. Uma mudança que ressignificou a arte, trazendo-lhe novos conceitos.

O DESENHO E AS OUTRAS LINGUAGENS NA RESSIGNIFICAÇÃO DA ARTE

À medida que o espaço expositivo deixou de ser somente um local depositário para a obra de arte, integrando-a e passando a fazer parte da mesma, as linguagens artísticas jamais foram vistas da mesma forma. Extrapolaram as dimensões com as quais estavam habituadas fazendo com que colidissem, aglutinassem-se ou, simplesmente assumissem um grau maior de pertencimento mútuo.

Pode-se dizer que, quando Pierre Restany afirmou “A arte morreu de saúde, saúde demais” (RESTANY, 1979) estava falando sobre esse período de grande efervescência que passou a direcionar todas as linguagens artísticas na mesma direção, fortalecendo a arte, acima de tudo.

A morte da arte, tão mencionada no final do século XX, na verdade pode ser lida como a morte das convenções que restringiam as linguagens, compartimentando-as. Estas foram encobertas por uma vocação que as motivou a

¹ Joedy Luciana Barros Marins Bamonte, Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais pela UNESP, Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora Assistente em RDIDP, vinculada à Universidade Estadual Paulista – UNESP (DARG- FAAC), Av. Eng Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01, 17033-360, Vargem Limpa, Bauru, São Paulo, Brasil, joedy@faac.unesp.br

coexistirem em favor de uma arte vibrante, em processos híbridos resultantes da transversalidade da essência da obra e do tema tratado pelo artista.

O grau de apropriação da realidade alcançado pela realidade, chegando a despertar termos como arte-vida, é traduzido na mesma intensidade através da aproximação das linguagens. Se no decorrer da história da arte, estas foram sendo alteradas sob influências externas, no século XX essas alterações ocorreram de forma a dizer que não havia mais sentido para divisões rígidas. O contexto passou a buscar novas possibilidades de interpretação de mundo que “reorganizassem” o conceito de arte sem detrimento da liberdade expressiva do artista em função dos meios que seu processo de criação solicite. Se para os métodos tradicionais o desenho era linha, contorno, reprodução fiel da realidade, a partir do século XX, artistas e teóricos passaram a ver na vida a manifestação da linguagem, alargando suas possibilidades conceituais e interpretativas.

A liberdade expressiva do artista foi uma das últimas conquistas a serem feitas nesse sentido, mas foi através dela que o desenho pode ser identificado em suas diferentes formas de representação. Nesse contexto, cita-se Edith Derdyk, artista e escritora, que propõe uma visão mais ampla do desenho através de suas pesquisas:

“Nas cidades, verdadeiros caldeirões culturais, percebemos a existência de registros anônimos: o caco de tijolo revelando o jogo de amarelinha no chão, a vareta riscando o muro, a ponta de metal interferindo nas plaquetas de sinalização, os grafites instalados nas paredes. São desenhos espontâneos, significando o desejo natural de registrar marcas, índices humanos que convivem com a comunicação visual impressa na cidade: o *outdoor*, a vitrine, a sinalização, flechas e traçados no asfalto (...)” (DERDYK, 1994, p.37)

De acordo com a artista/ teórica, o ato de desenhar está diretamente relacionado ao conhecimento, à apropriação e a procedimentos sensoriais diversos que não se restringem ao ver ou riscar somente. O desenho pode ser reconhecido na natureza e verificado em dimensões que não somente a bidimensional. Dessa forma, o criar através do desenho está relacionado aos procedimentos que efetuem e originam o corte, o risco, a mancha, a “sujeira”, a marca, o relevo, a saliência, a colagem, a montagem, a construção, a desconstrução, a limpeza, a interferência, o volume, a sombra, a luz, a descoberta, o recorte, o rasgo, o alinhavo, a reentrância, a moldagem, a lógica, a criação, a ilustração. Ações e operações que podem ser expressas em dimensões diversas, sobre as quais dizem respeito às imagens a seguir, trabalhos plásticos que dialogam com a pesquisa apresentada, em parte, no presente trabalho, ambos da mesma autora.

O DESENHO EM OUTRAS DIMENSÕES E PROCEDIMENTOS

A liberdade desfrutada pelo artista atualmente permite que ele crie atravessando as linguagens artísticas de maneira transversal. Isto é visível ao se perceber criações geradas de processos híbridos que mesclam linguagens, as quais, não necessariamente, precisa-se nominar, algo que pode ser discutido a partir do questionamento de Canclini:

Será preciso esclarecer que esse olhar, que se multiplica em tantos fragmentos e cruzamentos, não procura a trama de uma ordem única que as separações disciplinares teriam encoberto? (CANCLINI, 2008, p.30)

Dentro dessa “ordem única”, apresenta-se a trama composta pelas obras a seguir, produzidas a partir de pesquisa sobre o desenho e suas formas de manifestação, inclusive na natureza.

Reconhecer o Desenho: a Fotografia como Testemunha

Tendo a fotografia como testemunha ao reconhecer o desenho em espaço real, as fotografias das séries “Catedral”, “Vazio”, “Desenhos Transitórios” e “Mar” (figuras 1 a 4), referem-se a registros fotográficos que procuraram a presença do desenho na natureza. As interpretações dessas imagens surgem do próprio exercício do olhar e do momento de apreensão através do recorte feito pela retina ocular e captada pela retina da câmera fotográfica. O processo de criação se dá em função de um processo híbrido que reconhece um desenho gerado tridimensionalmente, tendo a fotografia como testemunha.



FIGURA 1
Foto Sem título (10C10- Série Catedral), Joedy Marins, 2010.



FIGURA 2
Vazio 7 (06V08 - Série Vazio), Joedy Marins, 2008.



FIGURA 3
Desenho 10 (20DT10 - Série Desenhos Transitórios), Joedy Marins, 2010.



FIGURA 4
Sem Título (06M01 - Série Mar), Joedy Marins, 2001.

A Fisicalidade Têxtil do Desenho

Sob outro aspecto, o desenho é apresentado na possibilidade de construção física da linha através de costuras, bordados e tramas. Como um corpo vivo é composto por objetos apresentados que permitem o desenho no espaço e através de acumulações. Nesse corpo, o ponto têxtil se torna meio expressivo em um desenho composto por objetos reais.

A rede de pesca (em “Sensações”) forma um desenho suspenso, cristalizado, delicado, em uma instalação que buscou congelar o movimento constante do pescador ao manipular o objeto.



FIGURA 5
Sensações, Joedy Marins, 1991.

Em “Dote”, a linha, não mais representada graficamente, mas fisicamente, tridimensionalmente, torna-se o relevo composto por traços com profundidade. “Legado” e “Anima” propõem a realização do desenho, o reconhecimento de elementos compositivos através das *assemblages* impregnadas de repetição. Nessa repetição de objetos, o feminino é esmiuçado e reconhecido, ao mesmo tempo em que os procedimentos que os reúnem também buscam a familiaridade e a presença da mulher.



FIGURA 6
Desenho 3 (03D03 - Série Dote), Joedy Marins, 2003.



FIGURA 9
Anima 1 (01C03 - Série Ciclos), Joedy Marins, 2003.



FIGURA 7
Detalhe de “Legado”, Joedy Marins, 2002.



FIGURA 10
Anima 3 (03C03 - Série Ciclos), Joedy Marins, 2003.



FIGURA 8
Anima 2 (02C03 - Série Ciclos), Joedy Marins, 2003.

O Desenho Imaginado

Pensando-se em outro processo híbrido, apresenta-se a série “Caractere (s) – Retratos em Preto e Branco”. Como também na materialização da trama descrita por Canclini, remete a escolhas, seleções feitas pelo criador/artista que estão diretamente atreladas à espontaneidade característica das associações que ocorrem durante o processo de criação artística. (OSTROWER, 1991)

Os trabalhos foram gerados a partir de proposta do artista visual brasileiro Tom Lisboa para outros artistas, constituindo descrições verbais dos personagens que os nomearam, garantindo-lhes a visibilidade. Sugerem desenhos imaginados, elaborados mentalmente e, quadridimensionais, se considerado o aspecto de sua imensurabilidade.

Como as três criações foram produzidas junto a um projeto coletivo, acrescenta-se a observação de que a “trama

híbrida” também ocorre na aproximação de mais de um produtor artístico.

A descrição do projeto, encontrada no site do artista é a seguinte:

Em "Caractere(s) - Retratos em Preto e Branco" Tom explora a visualidade proveniente da palavra escrita. Estes "Retratos em Preto e Branco" são mini-cartazes que convidam o espectador a construir mentalmente os personagens contidos nos textos. A diferença em relação às outras intervenções realizadas é que, pela primeira vez, o artista vai dividir com o público a autoria das obras e a intervenção não estará restrita a Curitiba. (LISBOA, 2011)



FIGURA 11
Beatriz (01C10 - Série Caracteres), Joedy Marins, 2010.

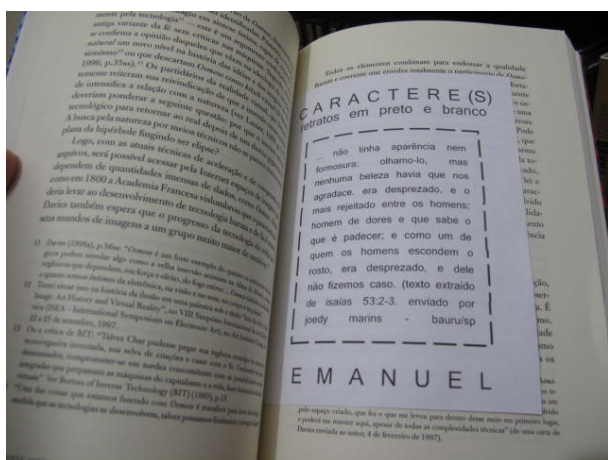


FIGURA 12
Emanuel (03C10 - Série Caracteres), Joedy Marins, 2010.



FIGURA 13
Carlos (02C10 - Série Caracteres), Joedy Marins, 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas obras apresentadas, procurou-se a percepção do desenho, independente de dimensões ou métodos que o codifique. O olhar que o procura é o responsável pelas ligações que aproximam linguagens, esquecendo-as. Nesse percurso, a expressão é priorizada e manifesta nas poéticas visuais, em favor de uma arte que represente verdadeiramente a identidade de seu autor e de seu tempo. O lugar do desenho é este e seu conceito, a apropriação e o entrelaçamento de sua presença em toda história da arte.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008

BELL, Julian. **Uma nova história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: SENAC, 2009.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1994.

LISBOA, Tom. **Caractere (s)**. Disponível em: <<http://www.sintomnizado.com.br/caracteresparticipacao.htm>>. Acessado em: 29 nov 2011.

LISBOA, Tom. **Vazio off Bial**. Disponível em: <<http://www.sintomnizado.com.br/vaziosobreovazio.htm>>. Acessado em: 29 nov 2011.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

RESTANY, Pierre. **Os novos realistas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.